



Universidade Federal de Pelotas – UFPel
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia

Trabalho de conclusão de curso

Imagens de mulheres que trabalham no contexto das medidas socioeducativas: pistas para uma genealogia do feminino.

Maira Coelho

Pelotas, 2020

Maira Coelho

Imagens de mulheres que trabalham no contexto das medidas socioeducativas: pistas para uma genealogia do feminino.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Édio Raniere

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586i Silva, Maira Coelho Da

Imagens de mulheres que trabalham no contexto das medidas socioeducativas: pistas para uma genealogia do feminino. / Maira Coelho Da Silva ; Edio Raniere da Silva, orientador. — Pelotas, 2020.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Psicologia. 2. Medidas socioeducativas. 3. Feminino. 4. Imagens de controle. I. Silva, Edio Raniere da, orient. II. Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

Agradecimentos

Agradeço antes de tudo aos meus pais. Nem todas as palavras do mundo seriam suficientes para agradecer as incontáveis horas de trabalho que eles prestaram para que eu pudesse estudar e construir a minha carreira, sem o apoio incondicional deles eu não teria chegado até esse momento.

Agradeço à todos os meus professores e professoras, cada um deles vai deixar boas lembranças e ensinamentos valiosos. Em especial, professor Édio, queria saber usar as palavras bonitas que ele usa, mas vou usar as minhas pra dizer que ele foi um orientador extremamente paciente, que me acalmou, me escutou e deu toda a liberdade que eu precisava nessa escrita. E professora Giovana que me mostrou um mundo tão apaixonante e cheio de possibilidades dentro da psicologia, acreditou no meu potencial e me convidou para projetos incríveis, que influenciaram não apenas a psicóloga que eu serei um dia, mas a mulher que eu estou me tornando agora.

Agradeço à Akemy, Carol, Juliana, Larissa e Tagline por serem as melhores amigas que alguém poderia ter, não sei se foi sorte, destino ou algum plano maluco do universo, mas dividir a vida com elas tem sido uma experiência maravilhosa.

Agradeço à Dara e moreno, que nem sabem ler, mas foram a melhor companhia nas horas que passei sentada em frente ao computador digitando meus trabalhos.

Por fim, deixo um agradecimento profundo à todas as mulheres que convivi ao longo desses 23 anos de vida. Tive o privilégio de ser no mundo ao lado de tantas mulheres fortes, corajosas e brilhantes, como minha mãe, minhas tias, minhas primas, minhas professoras, cada uma delas é uma inspiração.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo problematizar as imagens de controle de mulheres que trabalham com medidas socioeducativas de internação. A pesquisa está dividida em dois movimentos, o primeiro movimento está agenciado por quatro entrevistas realizadas com trabalhadoras desse contexto profissional. A partir deste mapeamento, um segundo movimento é realizado, no qual se articula a obra de Silvia Federici "Calibã e a bruxa", ao conceito de imagens de controle de Patricia H. Collins às narrativas destas trabalhadoras.

Palavras-chave: medidas socioeducativas; feminino; imagens de controle.

Sumário

Introdução.....	6
Sobre as medidas socioeducativas.....	7
Situação no município de Pelotas.....	7
Histórico da UFPEL com as medidas.....	8
Ser estagiária no CASE.....	8
Sobre mulheres, corpo e trabalho.....	10
Sobre o método.....	15
Sobre as entrevistas (editado).....	18
Considerações finais.....	24
Referências.....	26
Anexos.....	27

Introdução

O presente trabalho é resultado de um ano de pesquisa sobre a condição de ser uma trabalhadora no contexto da medida socioeducativa de internação na cidade de Pelotas. Ele inicia com uma contextualização sobre o tema, explicando brevemente o que são medidas socioeducativas, como teve início a relação do centro de atendimento de Pelotas com o curso de psicologia da UFPEL e qual a experiência da pesquisadora nesse campo.

Seguindo pela revisão bibliográfica, é apresentada a relação entre o corpo, o feminino e o trabalho de acordo com a obra de Silvia Federici, *Calibã e a bruxa*, no qual a autora apresenta elementos importantes para compreender a relação das mulheres com o trabalho.

O trabalho continua com as impressões da pesquisadora sobre as entrevistas realizadas com quatro trabalhadoras da medida socioeducativa, destacando trechos e relacionando a momentos de suas experiências no CASE como estagiária.

As falas das entrevistadas foram articuladas ao conceito de imagens de controle, proposto por Patricia Hill Collins e discutido por Winnie Bueno. Importante lembrar que esse termo está ligado aos processos de subjetivação de mulheres negras, no entanto pode ser aproximado ao contexto das trabalhadoras. Esse conceito diz respeito à imagens criadas a partir de um padrão cultural branco e europeu, e tem a função de disseminar na sociedade contemporânea as justificativas que estruturam o sistema de vigilância e violência que atravessam o cotidiano de mulheres negras. (p.71)

Para finalizar, uma breve conclusão retomando os principais pontos do trabalho. No anexo constam o roteiro das entrevistas, e a versão do trabalho em artigo.

Sobre as medidas socioeducativas

A medida socioeducativa de internação está descrita no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)(1990), Capítulo IV, Sessão VII, Artigos 121 à 125. Nestes artigos estão previstos, dentre outras condições que a duração máxima da internação é de 3 anos, a manutenção da medida deve ser reavaliada no mínimo a cada 6 meses e a liberação só acontecerá mediante autorização do ministério público

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) a medida socioeducativa de internação só deveria ser aplicada quando não houvesse outra medida adequada como em casos de ameaça ou violência a pessoa ou recidiva de crimes graves. Sendo que a mesma só poderia ser cumprida em um estabelecimento próprio para adolescentes com o devido acompanhamento pedagógico.

Além do Estatuto da Criança e do Adolescente, as medidas socioeducativas, atualmente, são regidas pelo Sistema Nacional de Medidas Socioeducativas (SINASE). Sancionado pelo governo federal em 2012, através da Lei Nº 12.594, de 18 de Janeiro de 2012, o SINASE é o agrupamento ordenado de conceitos, normas e fundamentos, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolve desde o processo de apuração de ato infracional até o cumprimento de medida socioeducativa

Neste, está previsto entre outras coisas:

Para atender até quarenta adolescentes na medida socioeducativa de internação a equipe mínima deve ser composta por: 01 diretor 01 coordenador técnico 02 assistentes sociais 02 psicólogos 01 pedagogo 01 advogado (defesa técnica) demais profissionais necessários para o desenvolvimento de saúde, escolarização, esporte, cultura, lazer, profissionalização e administração e Socioeducadores (SINASE, 2012 p. 44).

-Situação no município de Pelotas

O Centro de Atendimento Socioeducativo, CASE, situado em Pelotas, atua há mais de 20 anos com o atendimento da medida socioeducativa de internação para meninos. Segundo a psicóloga da instituição, há cerca de dois anos a unidade vem enfrentando um problema de superlotação e, atualmente,

está com mais de oitenta adolescentes em um espaço que comporta quarenta e cinco.

Os funcionários que atuam na instituição estão distribuídos entre a equipe diretiva, composta por um diretor, uma assistente de direção e um chefe de equipe institucional; a equipe técnica, que é composta por uma psicóloga, uma pedagoga, uma médica clínica, uma dentista, três assistentes sociais, um técnico de recreação, uma advogada e uma psiquiatra e, por fim, os agentes socioeducadores. A instituição também dispõe da escola de ensino fundamental e médio para os adolescentes que lá estão cumprindo a medida de internação.

-Histórico do curso de psicologia da UFPEL com as medidas

A relação da psicologia com as medidas em Pelotas teve início no ano de 2015, através do projeto Socioeducação (En)Cena¹, desenvolvido e coordenado pelo Professor Édio Raniere, que propunha a realização de oficinas com os adolescentes e contava com alunos de diversos cursos como psicologia, teatro e cinema.

Esse projeto abriu os caminhos para a criação de um novo campo para dois estágios curriculares do curso de psicologia, o estágio básico I com foco em psicologia social, e os estágios específicos I e II com ênfase em processos de promoção e prevenção em saúde.

- Ser estagiária no CASE

O primeiro contato com as medidas deu-se em 2017, através do estágio básico I, orientado pelo professor Édio Raniere. Durante o período de um semestre letivo, foram realizadas oficinas de máscaras e camisetas com grupos de até seis adolescentes.

Este primeiro estágio, apesar de breve, foi marcante o suficiente para inspirar um retorno no ano de 2018, desta vez para o estágio específico, com duração de dois semestres, orientado pelo professor Francis Londero.

¹ <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/9817>

<https://www.facebook.com/En-Cena-Socioeduca%C3%A7%C3%A3o-1607350776197246>

No segundo estágio, o objetivo era que a estagiária desenvolvesse um projeto durante o primeiro semestre para aplicar no segundo. A ideia era pensar atividades para realizar com grupos de adolescentes, dentro das possibilidades oferecidas pela equipe técnica.

Torna-se tentador imaginar esse estágio como uma vivência perigosa, assustadora, talvez até mesmo arriscada pois segundo a psicóloga da instituição “a qualquer momento pode acontecer alguma coisa”. No entanto é incrível perceber o quão humano e legítimo é esse contato com os adolescentes.

Ao longo dos encontros, formava-se um círculo ao redor de uma mesa, e enquanto os meninos pintavam camisetas e máscaras, acontecia um diálogo aberto sobre diversos temas. Durante as oficinas, o encontro com os garotos torna-se algo profundamente verdadeiro, no qual eles conseguem expressar-se sem meias palavras, o que apesar de muito interessante acaba por causar uma sensação desconcertante em quem está presente.

Exemplo disso acontecia quando alguma funcionária da instituição passava pelo auditório onde acontecia a oficina, por algum motivo o corpo dessas mulheres causava uma reação nos garotos que sempre proferiam algum comentário a respeito, elogiando ou criticando. Como mulher, era instantâneo o surgimento de um sentimento de revolta e ao mesmo tempo uma certa dúvida. Por que os corpos dessas mulheres causa tanta comoção? Foram meses presenciando cenas como essas que inspiraram essa escrita.

Sobre mulheres, corpo e trabalho

Para discutir a relação entre o feminino, o corpo e o trabalho faz-se necessário olhar para a história e traçar um caminho até os dias atuais. Para isso se utilizará dos conceitos de Silvia Federici, em sua obra *Calibã e a Bruxa*.

Logo no prefácio, Silvia traz uma imagem muito potente ao dizer que “para as mulheres, o corpo pode ser tanto uma fonte de identidade, quanto uma prisão.” (SILVIA FEDERICI, 2017 p.34). Torna-se instigante pensar essa frase no contexto das trabalhadoras da medida socioeducativa. Estariam elas submetidas a uma prisão dentro da prisão? Para desenvolver essa ideia, é necessário analisar todo o contexto histórico que molda as relações entre o feminino, o corpo e o trabalho nos dias atuais.

Na Europa, a luta contra o poder feudal produziu as primeiras bases de um movimento feminino que tinha como objetivo combater a situação estabelecida e cooperar com a implantação de modos diferentes de vida comunal. Esse momento gerou também as primeiras tentativas de contrapor a ordem e instaurar uma situação mais igualitária entre homens e mulheres.

Os espaços comunais foram uma vivência de autogestão no qual os camponeses tiveram acesso à terra, e desenvolveram um pensamento político e ideológico, considerando inaceitáveis as condições as quais eram submetidos pela aristocracia. No entanto, a comunidade camponesa medieval não deve ser considerada um exemplo de comunalismo, já que não possuía relações igualitárias entre seus membros.

Nesse contexto, as mulheres eram dependentes dos homens da família e submetidas à autoridade sobretudo do senhor feudal, que tinha posse sobre as pessoas e as terras do feudo. Era o senhor que determinava se uma viúva poderia ou não casar-se novamente, e tinha direito a passar a primeira noite com uma mulher que acabou de se casar.

Durante esse período as mulheres trabalhavam em plantações, criavam os filhos, cozinhavam, lavavam e essas atividades domésticas não eram desvalorizadas. O trabalho do feudo era baseado na subsistência, logo todas as atividades contribuía para as provisões familiares.

Em meados do século XIV, a inquietação dos camponeses contra a exploração dos senhores feudais estava insustentável, frequentemente partindo para o confronto armado. Uma maneira que os senhores encontraram de

amenizar a situação foi a substituição dos serviços laborais por dinheiro, como uma forma para que os camponeses não diferenciasssem os trabalhos que eram feitos em benefício deles próprios ou para o senhor feudal.

Os efeitos dessa nova condição foram devastadores, pois começaram a dividir o campesinato e produzir diferenças de classe. Para as mulheres, esses efeitos surtiram de uma maneira ainda mais intensa já que a comercialização afetou negativamente a apropriação de propriedades e de renda, já que elas recebiam menos dinheiro do que os homens.

Entretanto, a vida na cidade proporcionou maior autonomia para as mulheres em alguns sentidos, já que não ficavam sob constante vigília masculina, podiam ser chefes de família, viver sozinhas e posteriormente assumir trabalhos considerados masculinos, como ferreiras, padeiras, açougueiras e comerciantes. Porém, quanto mais liberdade conquistavam, mais eram repreendidas pelos padres que condenavam sua “rebeldia”.

Como forma de resistência, surgiram os movimentos heréticos, os quais foram uma tentativa de estabelecer uma nova ordem social. Suas principais seitas eram muito bem organizadas e desempenharam um papel muito importante na luta antifeudal. Como consequência, os considerados hereges eram queimados nas fogueiras na chamada “Santa Inquisição”.

Os hereges traziam consigo valores contra a propriedade privada, inclusive diziam que se a igreja quisesse retomar seu poder espiritual deveria abrir mão de suas posses, e condenavam os sermões aplicados por padres pecaminosos. Em contrapartida, a igreja acusava de heresia qualquer forma de resistência contra a ordem social ou política.

Nesse período a igreja percebeu o poder que o desejo sexual desempenhava sobre homens e mulheres e tentou de todas as formas “livrar” os fiéis desse desejo. Considerando sagrada a evitação dos homens pelas mulheres e pelo sexo, inclusive expulsando mulheres das igrejas. A sexualidade assumiu um novo sentido, carregada de vergonha acabou por se tornar tema de confissões. Foi então que a igreja produziu os penitenciais, que nada mais eram do que manuais com orientações detalhadas de como deveriam ser os atos sexuais, destinados exclusivamente à reprodução.

Em 1179, a igreja intensificou seus ataques a toda forma de sexo não reprodutivo e à homossexualidade. Nesse momento a sexualidade já era uma

questão de estado, os hereges por sua vez viam nas práticas sexuais não tradicionais mais uma maneira de fugir as opressões do clero.

No movimento herético, as mulheres eram consideradas como iguais, tinham os mesmos direitos que os homens, entre eles o direito de pregar e batizar. Eles também permitiam que um homem e uma mulher morassem juntos sem estarem casados. Sabe-se que já nessa época as mulheres buscavam controlar sua natalidade, já que nas penitências há inúmeras citações contra métodos contraceptivos e abortos.

Quando esse controle foi percebido, rapidamente foi entendido como uma ameaça à estabilidade econômica e social, principalmente por se tratar do período logo após a peste bubônica, que dizimou mais de um terço da população da Europa, portanto não era interessante que as mulheres parassem de ter filhos. Neste período, a figura do herege se tornou uma mulher, de forma a tornar posteriormente a figura da bruxa como principal alvo de perseguições.

Após a peste bubônica, como uma maneira de “acalmar os ânimos” que estavam exaltados graças a crise no trabalho, o estado disponibilizou o corpo das mulheres como um objeto de diversão para os homens. Descriminalizou o estupro de mulheres pobres e logo os estupros coletivos tornaram-se uma prática comum e aconteciam ao ar livre. Uma vez estupradas, essas mulheres perdiam seu lugar na sociedade, tinham sua reputação destruídas, e eram forçadas a entrar para a prostituição ou sair da cidade.

A prostituição também tornou-se uma maneira de diminuir as tensões sociais dos trabalhadores, sendo instituídos bordéis municipais, financiados com dinheiro dos impostos. Até mesmo a igreja legitimava essa prática como “um remédio para a sodomia, assim como também era visto como um meio para proteger a vida familiar”. (FEDERICI, 2017 p. 106).

Quando o poder feudal entrou em crise, e a maneira encontrada para controlar a situação foi fazer o cercamento das terras comunais como uma forma de explorar ainda mais os trabalhadores. Nesse momento, as mulheres foram sujeitadas ao trabalho reprodutivo para produzir mais mão de obra, e o trabalho doméstico também tornou-se completamente desvalorizado, uma vez que não gerava lucros de forma direta.

Concomitantemente, os europeus chegaram à América com a ilusão de ter uma mão de obra infinita, mas em menos de um século causaram um colapso

populacional, dizimando a população indígena. O incentivo ao crescimento da população chegou ao seu auge com o começo do mercantilismo que via esse crescimento como chave para o desenvolvimento econômico.

Uma das políticas adotadas durante esse período foi o registro da gravidez, de forma que as mulheres não pudessem interrompê-la. Mães cujos bebês morressem antes do batismo seriam assassinadas e foi criado um sistema de vigilância no qual as mulheres grávidas solteiras não poderiam receber nenhum tipo de ajuda. O resultado disso foi muitas mulheres processadas e executadas.

Mulheres começaram a entrar nas cortes europeias acusadas de bruxaria e infanticídio, as parteiras começaram a ser perseguidas, o que levou à entrada de médicos homens nas salas de parto, fazendo com que as mães assumissem um papel passivo durante o parto, enquanto os médicos eram considerados aqueles que realmente tinham o dom de trazer a vida, e em casos de vida ou morte, era priorizada a vida do feto.

Durante esse período, mulheres haviam perdido seu direito a exercer trabalhos que exerciam anteriormente, como fabricação de cerveja e realização de partos, logo foram incumbidas de trabalhos com uma remuneração mais baixa, como ambulantes, bordadeiras e principalmente empregadas domésticas. Essa situação levou ao aumento da prostituição, que tornou-se a maior fonte de subsistência dessas mulheres.

Com o avanço da reforma protestante, a prostituição foi criminalizada, e as prostitutas que fossem vistas dormindo na rua eram castigadas. A discriminação das mulheres como mão de obra remunerada está associada ao trabalho não-remunerado que exercem no lar. Pode-se relacionar a criminalização da prostituição, ao surgimento da figura da dona de casa.

A degradação dos direitos das mulheres era constante, não podiam fazer transações econômicas sem autorização do marido, não podiam morar sozinhas, e até mesmo ao andar pela rua desacompanhadas corriam o risco de serem violentadas ou ridicularizadas.

Foram atribuídas às mulheres características como vaidosas e selvagens, e especialmente a língua feminina era vista como uma ferramenta de desobediência. Mulheres acusadas de serem “desbocadas” eram obrigadas a usar focinheira e serem exibidas pelas ruas.

Mesmo se tratando de uma época tão distante, a imagem das mulheres de focinheira relaciona-se perfeitamente com o poema escrito por Rupi Kaur (2017, p.30):

*você me diz para ficar quieta porque
 minhas opiniões me deixam menos bonita
 mas não fui feita com um incêndio na barriga
 para que pudessem me apagar
 não fui feita com leveza na língua para que fosse fácil de engolir
 fui feita pesada
 metade lâmina metade seda
 difícil de esquecer e não tão fácil
 de entender*

Qual o peso dessa história no trabalho atualmente realizado pelas socioeducadoras do CASE Pelotas? Em que medida o corpo dessas mulheres está agenciado a um feminino que vem sendo brutalmente constituído pelo sistema capitalista? Em que medida os olhares e os comentários que os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa dirigem ao corpo dessas trabalhadoras está relacionado com a construção desse feminino?

Sobre o método

Trata-se de um estudo de caráter exploratório-qualitativo, que possui o intuito de analisar falas de trabalhadoras no contexto das medidas socioeducativas. Para tal, pretende-se articular o conceito de imagens de controle tal qual enunciado por Patricia Hill Collins e discutido por Winnie Bueno com a construção do feminino problematizado por Silvia Federici no livro “Calibã e a Bruxa”.

Importante salientar que o método aqui proposto foi fortemente inspirado pela pesquisa “Economia solidária: utopia e formas de profanação” defendida por Laís Ramm como Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal de Pelotas, curso de Psicologia. Visto que a pesquisadora em questão utiliza a técnica da história oral em articulação com método cartográfico para realizar entrevistas com trabalhadoras e trabalhadores da economia solidária. O que nesse caso, foi articulado com o método da genealogia.

O modo como compreende-se a história oral aproxima-se muito de Portelli (1997), no qual tal técnica aparece agenciada a narrativa popular, e as entrevistas acabam de um modo ou de outro trazendo à tona acontecimentos de pessoas pertencentes a classes não dominantes. Sendo possível afirmar que o elemento mais valioso na história oral é o processo de subjetivação do entrevistado.

Se “o que torna a história oral diferente é que ela nos conta menos sobre eventos, e mais sobre significados” (PORTELLI, 1997 p.31), a técnica em questão torna-se uma fonte confiável e rigorosa à medida que nos possibilita entrar em contato com uma narrativa de si, com uma vida em primeira pessoa, com uma experiência singular. Nesse sentido torna-se fundamental a relação entre entrevistado e entrevistador. Já que se trata de uma narrativa colhida num processo relacional. A pesquisadora apoiou-se na história oral, portanto, para realizar entrevistas com trabalhadoras que atuam no Centro de Atendimento Socioeducativo de Pelotas.

Heliana Conde (2011) desmistifica a história oral e traz uma visão Latouriana sobre ciência, que a coloca como uma prática “como as demais, não

idênticas, porém tampouco superiores às demais” (p.241), defende as possibilidades criadoras no campo da pesquisa, afim de produzir um conhecimento baseado não meramente em técnicas mas nas subjetividades dos envolvidos.

Para a análise do material coletado nessas entrevistas, foi utilizada a genealogia enquanto método. Ao invés de buscar pela causa primeira, paterna, fundante e transcendente a genealogia se põe a investigar indícios, linhas de força, regimes de dizibilidades e de visibilidades. Trata-se de realizar uma

(...) exploração do terreno da constituição histórica de sujeitos, de como chegamos a ser o que somos, ou seja, de uma ontologia histórica das subjetivações, de uma análise não linear que aborde a emergência de práticas e a construção de discursos, a discussão das questões políticas que os engendraram e que possam ser confrontadas com o que ocorre na atualidade (Lilia Ferreira Lobo, 2012 p.14).

Prado Filho (2017), também propõe uma caracterização interessante da genealogia ao dizer que ela busca pela natureza das coisas, mexe com tudo que estava acomodado e separa as partes que estão unificadas, no entanto ressalta que uma origem histórica não deve ser considerada o ponto final de uma análise, mas sim um episódio de uma série de acontecimentos que desencadearam o modo como pensamos hoje.

Trazendo para o contexto da socioeducação, não se pode compreender o olhar que adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa depositam sobre o corpo das trabalhadoras, sem compreender a história de violência que constituiu o feminino contemplado por este olhar. Se para tais adolescentes parece natural relacionarem-se com o corpo destas trabalhadoras, dessa maneira, a questão que tentamos, aqui colocar, é: em que medida este olhar necessita de um discurso, de uma prática, de uma política exercida sobre o corpo dessas mulheres? Diante tais discursos históricos, diante de tais práticas que constituíram esse feminino como estas trabalhadoras sentem e percebem o peso dessa carga histórica no seu próprio corpo?

Para realização das entrevistas foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, o qual segundo Boni e Quaresma (2005) integra perguntas abertas e fechadas, na qual o entrevistado tem a possibilidade de desenvolver suas percepções acerca da temática em questão. Ressaltam que o entrevistador deve seguir um roteiro de questões previamente definidas, mas a entrevista acontece

um contexto muito semelhante ao de um diálogo informal. O pesquisador deve manter a atenção para levar a conversa para o assunto que tem interesse elaborando perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram bem entendidas. Tal modo de entrevistar é comumente utilizado quando se tem a intenção de delimitar a quantidade de informação, chegando a um direcionamento maior para o tema.

O estudo foi realizado no CASE (centro de atendimento socioeducativo) de Pelotas. Participaram da pesquisa quatro mulheres adultas (maiores de 18 anos), trabalhadoras da medida socioeducativa de quatro áreas diferentes: saúde, diretoria, equipe técnica e agentes socioeducadoras, que responderam a 5 perguntas abertas.

Considerações finais

A relação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel – com o Centro de Atendimento Socioeducativo de Pelotas – CASE/Pelotas –, foi evoluindo ao longo dos anos. Desde o início com a chegada do projeto socioeducação (En)Cena, até a abertura do campo de estágio, a diretoria e a equipe técnica foram aprendendo a confiar no trabalho dos estagiários, que puderam realizar oficinas disparadas por dispositivos das artes com os adolescentes.

Foi durante a realização dessas oficinas que surgiu a inquietação que inspirou a escrita desse projeto, quando alguma funcionária da instituição passava pelo auditório onde acontecia a oficina, era comum que aquele corpo causasse uma reação nos garotos que sempre proferiam algum comentário a respeito, elogiando ou criticando, rindo ou apontando.

Uma maneira de compreender esse corpo e esses olhares, foi buscar em Silvia Federici, todo o contexto histórico que molda as relações entre o feminino, o corpo e o trabalho nos dias atuais. Pode-se observar que ao longo da história, as mulheres tiveram seus direitos retirados inúmeras vezes, a igreja e o estado tinham poder para controlar seus corpos, que eram tratados como públicos.

Uma pergunta presente tanto na introdução, quanto no método foi “diante de tais práticas que constituíram esse feminino como estas trabalhadoras sentem e percebem o peso dessa carga histórica no seu próprio corpo?”, seguindo esse questionamento como norteador, o método da história oral articulado a genealogia fez seu papel por “nos contar menos sobre eventos, e mais sobre significados” (PORTELLI, 1997 p.31). Com essa intenção foram feitas perguntas abertas, a fim de que as entrevistadas se sentissem livres para se expressarem da forma que fosse confortável a elas.

Curioso perceber que a questão da sexualização do corpo das trabalhadoras, que serviu como um disparador para a pesquisa, não apareceu em nenhum momento durante a realização das entrevistas, já que as

entrevistadas trouxeram questões mais ligadas aos meninos e sobre como funciona o trabalho realizado no CASE pode mudar a vida deles.

O centro de atendimento socioeducativo de Pelotas vem sofrendo com um superlotação há alguns anos, o que intensifica a carga de trabalho das funcionárias, que atendem mais de oitenta adolescentes em uma estrutura pensada para quarenta e cinco. Em que medida as imagens mapeadas pela pesquisa estão relacionadas com este excesso de trabalho? Em que medida a descrição realizada por essas trabalhadoras sobre seu contexto profissional esta atravessado por tais forças? Em que medida elas percebem questões, mas não podem falar? O que as impede falar?

A articulação teórica com as falas das entrevistadas se deu com os conceitos de Silvia Federici e Patricia Hill Collins, ambas trazem pensamentos interessantes sobre os aspectos que atravessam as falas e a maneira de se comportar das mulheres atualmente. Um dos trechos mais marcantes é: “a figura desse ser quieto e obediente era capaz de exercer uma boa influência sobre os homens” (FEDERICI,2017 p.205).

Como mencionado nas entrevistas, a histórias desses garotos que cumprem a medida socioeducativa é marcada por muita negligência, muitos tem famílias com histórico criminal e uma série de ausências em sua criação, é instigante pensar o lugar que essas mulheres ocupam na vida desses garotos, mesmo que seja apenas pelo curto período de internação, elas se dispõe a dar o melhor de si, para despertar o melhor neles.

Referências

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do adolescente**

BUENO, Winnie. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: Uma possibilidade de leitura da obra *Black feminist thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. Orientador: José Rodrigo Rodrigues. 2019. Tese de mestrado (Pós graduação em direito) - UNISINOS, São Leopoldo, 2019.

CONDE, Heliana. Intercessores e Narrativas: Por uma Dessujeição Metodológica em Pesquisa Social. **Intercessores e Narrativas: Por uma Dessujeição Metodológica em Pesquisa Social**, [S. l.], p. 1-9, 1 dez. 2019.

FEDERICI, Silvia. O calibã e a bruxa: o mundo precisa de uma sacudida. *In*: CALIBÃ e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017. cap. 1 e 2, p. 23-234. ISBN 978-8593115-03-5.

FILHO, Kleber Prado. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, dez. 2017. ISSN 2178-4582.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 12.594**, de 18 de Janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Brasília, 2012.

PORTELLI, A. et al. O que faz a história oral diferente. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 14, 1997.

RAMM, Laís Vargas. **Economia solidária: utopia e formas de profanação** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2016.

SUBJETIVAR. *In*: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARACHIN, Cleci (org.). **PESQUISAR NA DIFERENÇA: UM ABECEDÁRIO**. [S. l.: s. n.], 2012.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. 1. ed. São paulo: Planeta, 2017.

Anexo 1 Roteiro das entrevistas

1. Idade
2. Qual foi sua trajetória profissional antes de começar a trabalhar na medida socioeducativa de Pelotas.
3. Como você descreve a experiência de trabalhar com os adolescentes internados no CASE?
4. Qual imagem você têm dos adolescentes que cumprem a medida?
5. Qual imagem você acha que eles têm de você?

